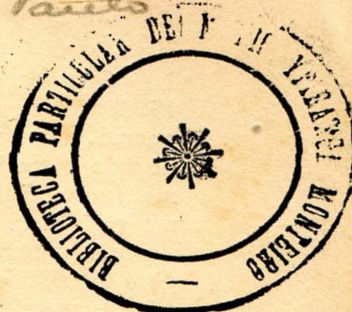
Revista de Antropologia
Junho de 1958 - Volume 6º nº 1
Fac. de Fil. da Univers. de São Paulo



ÍNDIOS MACHACARÍ

Curt Nimuendajú

Temos a satisfação de publicar neste número um relatório inédito de Curt Nimuendajú, datado em Belém do Pará, aos 22 de maio de 1939, e dirigido ao Ten.-Cel. Vicente de Paula Teixeira da F. Vasconcelos, então Chefe do Serviço de Proteção aos Índios. Em vista da escassez de informes fidedignos sôbre os Machacarí, as observações do eminente cientista falecido em 1945 se revestem de especial importância. Dos dados aqui expostos alguns foram aproveitados no capítulo "The Mashakali, Patashó, and Malali Linguistic Families" (Alfred Métraux and Curt Nimuendajú), do *Handbook of South American Indians* (vol. I, págs. 541-545, Washington, 1946), editado por Julian H. Steward. — Ao Prof. Darcy Ribeiro, etnólogo do Serviço de Proteção aos Índios, que teve a bondade de nos fornecer uma cópia do relatório, apresentamos os nossos cordiais agradecimentos.

E. Sch.

Tendo concluído a minha viagem aos índios da zona compreendida entre os Rios Contas e Doce, cumpre-me em primeiro lugar agradecer mais uma vez ao S.P.I. na pessoa do seu digno chefe as gentilezas com que me vi tratado durante a minha estada nos Postos Paraguaçu, Guido Marlière e Pancas.

Como a minha permanência no primeiro dêsses Postos coincidisse com a viagem de inspeção do sr. Cap. H. Diniz Ribeiro, e sabendo que a chegada do mesmo fiscal era esperada nos Postos do Rio Doce quando de lá me retirei, vejo-me *ipso facto* dispensado de qualquer apreciação sôbre as condições dos índios naqueles estabelecimentos, certo que estou de que o sr. Cap. Diniz já vos terá dado tôdas as informações que possam interessar ao Serviço, com aquêle critério seguro que tive ocasião de admirar nêle.

Peço, portanto, apenas licença para chamar a atenção do S.P.I. para um agrupamento de índios que vive fora dos raios de ação do Serviço: os Machacarí, nos formadores do rio Itanhaém (Rio de Alcobaça) no Estado de Minas, junto à divisa oriental com o Estado da Bahia.

1. *NOME* — Desconheço a origem do nome Machacarí. Êle não pertence nem ao Tupí, nem à língua própria da tribo. Poucos entre os índios o conhecem hoje como designação neobrasileira, antiquada para aquela parte de tribo que habitava no Jequitinhonha. Pronunciam-no "Matchkadi", pois sua língua não possui nem ch, nem r, nem l.

O nome é mencionado pela primeira vez por Silva Guimarães em 1734 na forma de Machacari. Navarro de Campos (1808) escreve Maxacuri. Ayres Cazal: Machacaris, Saint-Hilaire: Machaculis, o Príncipe von Neuwied: Machacalis e Machacaris, Pohl: Machacalis, da mesma forma Teófilo Ottoni, e Martius: Machacaris. Êste último dá como sinônimos também Majacarís, Majacalís e Machacarýs.

Os vizinhos neobrasileiros não conhecem nenhum nome particular para a tribo em questão.

A autodenominação é Monacó bm (o—postpalatal, c — tch, o— ô, bm — reduzido). O final em — co bm se encontra freqüentemente em nomes de tribos desta família lingüística: Assim os Machacari designam com o nome de Keyg-co bm (de kehéy — sapucaia) a tribo vizinha dos Patachô, e os Mono-xô, Capo-xô, Cumuna-xô e talvez os próprios Pata-xô sejam membros da mesma família lingüística.

Os índios, com seu conhecimento deficiente da língua brasileira, não me puderam traduzir o moná do nome Mona-co bm, mas compreendendo muito bem o que eu desejava saber, explicaram-me mìmicamente: voltando da roça — moná; chegando a casa de volta da viagem — moná. Nos meus apontamentos lingüísticos encontro: monãi — entra: Monacó bm portanto parece significar: os que voltaram (para casa). Ignoro o acontecimento histórico em que se baseia êsse nome.

Saint-Hilaire menciona uma tribo dos Monaxó, Monoxó ou Munuxú que, alguns anos antes da viagem dêle (1817), veio em número de 200 cabeças do Cuyaté (?), formando depois com os restos dos Malalis e outras tribos a população indígena do Quartel de Peçanha. A julgar pelo pequeno vocabulário tomado por aquêle viajante, trata-se de uma tribo aparentada, mas não idêntica aos Monacó bm — Machacarí.

HISTÓRIA — A história dos Machacarí se desenrolou na área compreendida entre o Jequitinhonha ao norte, o São Mateus ao sul, o Atlântico a leste e o meridiano de 41° 30' a oeste.

Ao que me consta, a primeira menção da tribo é feita numa carta de 26 de maio de 1734, do Mestre de Campo João da Silva Guimarães, célebre pelas suas emprêsas na região do Mucuri, São Mateus e Rio Doce durante a primeira metade do século XVII. (Felisbelo Freire: *História Territorial do Brasil*. I. Rio, 1906; pág. 161). No ano de 1730 começou êle a sua conquista das cabeceiras do São Mateus. Parece-me entretanto que naquela época ainda pairava certa confusão sôbre a situação delas e que o que era tido como cabeceira do São Mateus de fato eram afluentes do Mucuri.

Relata F. Freire: "Em busca das cabeceiras do rio São Mateus, o chefe da bandeira (J. da Silva Guimarães) tinha de atravessar regiões habitadas por certas tribos. A primeira com que lutou foi a dos Machacaris, inimigos acérrimos do todo bandeirante que não fôsse paulista. Neste encontro perdeu o seu irmão e muitos membros da bandeira. Em

vista da resistência dos Machacaris, Silva Guimarães desistiu do seu intento de galgar as cabeceiras do São Mateus e dirigiu-se para as do Rio Doce".

Na segunda metade do século XVIII, provàvelmente em conseqüência da então já muito pronunciada expansão das tribos dos Botocudos, foi pelo menos uma parte dos Machacarí obrigada a recuar até à beira-mar: em 1786 se submeteram 120 membros desta tribo em Pôrto Alegre, na foz do Mucuri. Em 1798 êles moravam juntos com os seus parentes de língua, os Macuní, perto de Caravelas. (Inácio Accioly Cerqueira: *Dissertação Histórica, Etnográfica e Política*. Rev. Inst. Hist. Geogr., XII. Rio, 1849, pág. 143) — (Saint-Hilaire: *Voyage*. II, pág. 206. Pohl: *Reise*, II, pág. 468).

Em 1801 êsses Machacaris se retiraram novamente da costa para o interior, aparecendo em Tocoiós, no Baixo Jequitinhonha, onde permaneceram até 1804. Depois foram transferidos rio acima para o então Quartel de São Miguel pelo comandante Julião Fernandes Leão, que naquela época mantinha a guerra contra os Botocudos no Jequitinhonha. Julião incorporou os homens da tribo ao destacamento debaixo do seu mando, mas, como os outros soldados perseguissem as mulheres dos índios, êstes se retiraram outra vez rio abaixo, primeiro para a Ilha do Pão, onde em 1817 foram visitados por Saint-Hilaire (*op. cit.*, II, pág. 208) e depois ainda mais longe, para a bôca do Ribeirão Prates, onde os encontrou Pohl (*op. cit.*, II, pág. 446) no ano seguinte.

Visìvelmente, porém, êsses Machacarí da costa e do Jequitinhonha só representavam uma parte da tribo, enquanto a outra se manteve no interior em relativa independência, se bem que em lutas com os Botocudos (Ipkóy-cayká — Orelhas grandes). Assim o Príncipe von Neuwied em 1816 encontrou uma pequena aldeia de Machacarí no Baixo Jucurucu (Rio do Prado. — *Reise*, I, págs. 234, 275, 285. — Ayres Cazal: *Corografia Brasílica*, II, pág. 74).

O aldeamento dos Machacarí no Jequitinhonha, atual vila Guarani, tinha o nome de Farrancho e a princípio progrediu bem (T. Ottoni: *Notícia*, pág. 194). Existiu como tal até os fins do século passado. Depois os índios, devido ao apêrto cada vez mais insuportável, e que só trazia um número sempre crescente de adventícios neobrasileiros ao povoado, tiveram de retirar-se rumo a leste, para o Ribeirão do Rubim (do sul). Os poucos que permaneceram em Farrancho morreram ou se misturaram aos neobrasileiros.

No Rubim, os Machacarí tiveram a sua aldeia na margem esquerda, pouco acima da atual vila União. Em 1917, um homem abastado, conhecido por Tenente Henrique, apossou-se das terras da aldeia, mandando demarcá-las. Como os índios teimaram em não levar em conta as suas pretensões, negando-se a evacuar o lugar, o Tenente Henrique em 1921 assaltou-os à mão armada e, matando uma dúzia dêles, disper-

sou o resto, que afinal procurou refúgio entre aquêles seus parentes que desde tempos antigos habitavam na região das cabeceiras do Itanhaém (Rio de Alcobaça).

TERRITÓRIO ATUAL. — Os Machacarí consideram como terras desde tempos antigos habitavam na região das cabeceiras do Rio Itanhaém pela margem esquerda, e igualmente a situada em ambas as margens da Água Boa que despeja no Ribeirão do Norte, afluente também do Itanhaém, que corre paralelo ao Umburanas e a oeste dêle. Êste território, relativamente pequeno, mede uns 12 km de NE a SO, e uns 10 de NO a SE. O número dos Machacarí aí existentes é de 120-140 cabeças. Um têrço dêles são mestiços. Não há Machacarí fora dessa área.

Há duas aldeias, cada uma de 13 a 15 choças, a primeira sôbre a margem esquerda da Água Boa, a segunda, 7 km a leste dela, na margem do Umburanas, no lugar denominado Pé da Pedra. Não se trata, porém, de dois grupos locais definitivamente separados, e sim de uma e a mesma comuna, que, total ou parcialmente, habita ora numa, ora noutra aldeia. Tôdas as famílias têm choças e a maioria também plantações em ambas as aldeias. Quando eu em comêço de janeiro de 1939 procurei a tribo, estava ela reunida até o último membro na Água Boa. Em fins de janeiro ela se achava dividida em partes iguais entre as duas aldeias. Em comêço de fevereiro todos estavam juntos na aldeia do Pé da Pedra, mas em fins do mesmo mês uma parte já se tinha novamente retirado para Água Boa. Freqüentemente encontrei membros da mesma família em ambas as aldeias.

Não compreendi bem a razão dessa divisão, mas suponho que ela forma apenas uma medida de prevenção contra os intrusos que ameaçam as terras dos índios. Se êstes deixassem qualquer das duas aldeias desamparadas por um ano apenas, os intrusos imediatamente haviam de apossar-se da "tapera", enquanto pela forma como procedem êles mantêm de fato a posse de ambos os pontos, sem terem necessidade de se dividirem definitivamente em dois grupos locais, o que talvez lhes repugnasse por motivos sociológicos.

A terra, apesar de ligeiramente acidentada, era ótima para a lavoura. Os ribeirões Água Boa, Pradinho e Umburanas conduzem excelente água e nunca secam.

Hoje, porém, já dois terços dêsse paraíso dos índios lavradores e caçadores, que estava coberto de mata ininterrupta, estão transformados em vastas pastagens de capim-colônia, na sua maior parte sem uma única rez, pelos intrusos; e com isto cheguei ao ponto principal da minha exposição.

AS RELAÇÕES ENTRE ÍNDIOS E INTRUSOS. — Quando há uns 20 anos atrás os primeiros moradores neobrasileiros fundaram o povoado de Umburanas, já vivia entre os Machacarí um certo Joaquim Fa-

gundes, que possuía a confiança dos índios. Segundo a tradição, êsse benemérito sertanejo gastou a soma de 38:000$000 para "amansar aquelas feras", que eram os Machacarí, aliás já mais do que mansos quando em 1816 a 1818 foram visitados por Saint-Hilaire, Pohl e Neuwied. Não sei onde êle apresentou a sua conta de despesas ao Govêrno, que naturalmente não a reconheceu. Fagundes então resolveu considerar tôda a terra da tribo como constituindo diversas posses dêles, que êle vendeu sucessivamente por preço total aproximadamente igual àquela soma que êle pretendia ter gasto com o "amansamento" dos índios. Para moradia dêstes últimos não ficou um único palmo sequer. De fato Fagundes tinha aí algumas benfeitorias, feitas porém exclusivamente pelo braço dos índios "dêle".

Por diversas vêzes êle recebeu do Govêrno roupas e ferramentas para os índios. Fagundes apresentou os compradores das terras como amigos particulares dêle e portanto também dos índios, e êstes últimos a princípio não fizeram questão de deixá-los morar junto. Quando, porém, Fagundes tinha embolsado o pagamento da venda das últimas terras dos índios, êle tratou de sumir da zona, deixando que os índios, donos das terras, e os neobrasileiros compradores das mesmas se entendessem como podiam.

Na cabeça dos Machacarí nem coube sequer um vislumbre da idéia de que podiam ter perdido o direito sôbre as terras. Se os intrusos pagaram ou não ao sr. Fagundes, lhes era e ainda é inteiramente indiferente. Quando, portanto, alguns dêstes quiseram assumir atitudes de "donos legítimos", os índios tiveram isto como afronta e roubo à luz meridiana e, enquanto em nada incomodavam certos outros moradores com os quais continuavam a viver bem, romperam com aquêles que êles qualificaram de "portuguêses ruins", perseguindo e maltratando-os de tôda forma, para obrigá-los a abandonar as terras dos Machacarí. Em mais de um caso já conseguiram o seu intento e num até não deixaram o comprador nem sequer tomar pé nas terras que comprara. Outros intrusos, porém, mostram-se mais renitentes. A tática dos Machacarí é então a seguinte:

Pela manhã cêdo rompem todos os adultos da aldeia, homens e mulheres, rumo ao sítio do "português ruim", os homens com os seus arcos e flechas, que ainda sabem manejar com perícia, ou às vêzes também com algumas espingardas velhas, as mulheres com as suas rêdes de carga as costas.

Estas invadem a plantação do intruso, à vista do dono, colhendo e destruindo o que bem entendem, enquanto os homens, de armas em punho esperam que o prejudicado esboce um gesto de protesto, para cercar-lhe imediatamente a casa, intimando-o a abandonar as terras na mesma hora sob a ameaça de morte dêle e da família, e insultando-o de tôda maneira. O ameaçado, para escapar pelo menos momentâneamente de

tal apêrto, recorre então ao clássico "brabos não sejam": "Compadre: Eu bom p' ra tu!", oferecendo aos índios, para livrar-se dêles, algum porco ou outra coisa que êles exijam. Assim procederam os Machacarí, p. ex., com um tal Jovino durante a minha estada entre êles.

Resulta desta prática que a situação cada vez mais se agrava, mesmo porque os Machacarí começam a ver nessas expedições de pilhagem não só uma represália justa, como também um meio fácil de obter mantimentos. E' de admirar que nenhuma dessas cenas ainda degenerasse em derramamento de sangue, o que só se explica pela índole no fundo muito pacífica daqueles índios.

Isto, porém, nenhuma garantia oferece para o futuro, podendo haver um massacre de lado a lado qualquer dia.

Não adianta agradar depois os índios com presentes para fazê-los engulir com melhor boa vontade algumas recomendações de não mais procederem desta forma, como o fêz, segundo me contaram, o sr. João Silva, que é não sei que autoridade no vizinho povoado do Norte e que me parece, aliás, muito bem intencionado quanto aos índios. Não o conheço pessoalmente. Os Machacarí não precisam de agrados, nem de conselhos. Êles precisam de uma decisão definitiva: Ou as terras continuam a ser dêles, conforme êles entendem, e então os intrusos ou se retiram ou que lhes paguem o arrendamento. Ou as vendas de Joaquim Fagundes são consideradas legais, e então dêem-se aos índios outras terras para sua habitação, porque enfim 140 índios não podem ficar sem mais nem menos nos galhos dos paus. Previno, porém, a quem se quiser ocupar da solução do problema de que pela maneira que eu conheço os Machacarí, êstes nunca consentirão em uma mudança.

O que facilita até certo ponto a solução do problema à maneira dos índios é o fato de que nenhum dos intrusos até hoje se julga bem seguro de sua compra, tendo todos a consciência de que tais compras não passaram de grossa bandalheira que o Govêrno difìcilmente reconhecerá. O que não convém absolutamente é manter sob qualquer pretexto o *status quo*, por exemplo pela nomeação de algum encarregado em Umburanas ou Norte com a incumbência de evitar atritos entre os índios e intrusos, comprando a boa vontade dos índios por meio de presentes, mas deixando persistir *ad infinitum* a causa de tais atritos.

Havia entre os vizinhos dos índios certos que de vez em quando iam fazer uma visita à aldeia levando *uma lata de querosene de cachaça,* com a qual embriagavam homens e mulheres para fazer dessas últimas o que bem entendiam. Aconteceu também que, algum tempo antes da minha chegada, veio a Umburanas um Machacarí com sua mulher. Embriagaram o índio e jogaram-o na rua e trancaram a índia num quarto, onde foi violada sucessivamente por três indivíduos. Informações sôbre êste e outros casos semelhantes com o sr. Clarindo de tal, morador em Umburanas.

Consta-me que o acima mencionado sr. João Silva se esforçou bastante para pôr têrmo à venda e distribuição gratúita de cachaça aos índios, proibindo a venda aos negociantes de Umburanas e ameaçando os contraventores.

TRAJE. — Os Machacarí trajam como os neobrasileiros mais pobres. Os homens nos seus trapos sujos e rasgados de roupas feitas para estaturas diferentes das dêles oferecem um aspecto desagradável. As mulheres vestem-se com um pouco mais de asseio e gôsto. Durante as suas danças noturnas os homens aparecem nus, o membro colocado contra o abdômen e o prepúcio metido debaixo do cordão da cintura. — Homens de mais de 40 anos ainda têm os lóbulos das orelhas e o lábio inferior furados. Ocasionalmente ainda se pintam de urucu.

RELIGIÃO. — Todos os Machacarí são batizados, mas não têm a menor idéia de Cristianismo. Acorrem às festas anuais da igreja de Umburanas, porque o padre nessa ocasião costuma distribuir entre êles alguns pequenos presentes.

A religião consiste num culto às almas dos defuntos (*nyamí*). Êste culto é privativo dos homens e dos meninos maiores de 12 anos. Todo o sexo feminino e os meninos menores são mantidos em ignorância ou mesmo propositadamente iludidos sôbre o que se passa entre os iniciados. Fazem-nos crer que as próprias almas dos defuntos passeiam de noite pela aldeia, metidas em certas vestimentas de máscaras (*toktáub*), e que o ruído noturno dos brinquedos do "Cão" é voz dessas mesmas almas. O lugar do culto é um rancho um pouco distanciado da aldeia, onde nenhuma mulher jamais põe os pés. Não vi nenhuma manifestação de culto solar ou lunar, mas é de notar que num poste (mi-manáum) que levantam em certa época, para por êle descerem as almas do céu à terra, se acham pintadas as imagens do Sol e da Lua.

O entêrro é hoje feito à maneira neobrasileira.

SOCIOLOGIA. — A família dos Machacarí é patrilinear e pelo menos predominantemente patrilocal. Não existem fratrias exogâmicas, nem outras divisões duais. Há raros casos de poliginia provenientes de sororato e de levirato, fora dos quais a poliginia não parece ocorrer.

Os Machacarí têm dois chefes: Paciku (Francisco? Pacífico?), de 60 anos de idade, e João, que pode ter uns 10 anos mais. Não são chefes por serem os mais velhos, pois existem mais dois outros de igual idade que não são chefes. São sobretudo autoridades em assuntos religiosos e cerimoniais, mas quando fui roubado durante a minha primeira estada em Água Boa, Paciku sem vacilar e com pleno sucesso se encarregou também de me restituir o roubo.

ECONOMIA. — Os Machacarí vivem sobretudo da lavoura, que èles, como tôdas as tribos da mesma família lingüística, já conheciam an-

tes do contacto com os civilizados, mas desconhecem até hoje o plantio do algodão e do fumo.

Um meio eficaz de "expremer" os índios, tornando as terras inabitáveis para êles é aquela já mencionada tática dos intrusos de transformar as matas de lavoura em capinzais.

Persuadiram até os próprios índios de que deviam plantar capim-colônia nas suas capueiras, em vez de deixá-las descansar para novas lavouras, e depois perguntaram cìnicamente aos índios, o que êles ainda queriam em terras que só serviam para criadores de gado, como êles, intrusos!

A caça em terras dos Machacarí, como em todo êsse sertão, está hoje quase completamente destruída pela ganância dos negociantes de couros silvestres. Nos pantanais das margens do Umburanas encontram-se ainda capivaras, que os índios caçam com lanças. A pesca exercida com anzóis, puçás e timbó, mas não com a flecha, é de pouca importância. Os índios criam grande número de cachorros, mas poucos porcos e galinhas. De gado cavalar ou vacum êles não possuem nenhuma rez.

Em dois pontos existem pequenos cafezais mal cuidados.

MORADIA. — As choças dos Machacarí são pequenas e mal feitas, de planta retangular, de cumieira ou meia-água, cobertas de casca de pau ou capim. Algumas têm paredes de barro. Em Água Boa as choças formam quase uma rua, em Pé da Pedra não consegui descobrir ordem nenhuma.

Dormem em giraus sôbre trapos de roupa, pois raramente possuem uma esteira. Outros dormem no chão, à beira do fogo. As suas rêdes de imbira de ambaúva só servem para descansar durante o dia.

Antigamente os Machacarí não sabiam fazer cestos de espécie alguma, que êles substituiam por bôlsas em técnica de rêde, de todos os tamanhos. Hoje fabricam bonitos cestinhos pela técnica dos seus vizinhos neobrasileiros.

Desde tempos pré-colombianos as mulheres fabricam panelas e tijelas de barro simples, mas bem feitas.

LÍNGUA. — Não há um único Machacarí que falasse o suficiente da língua brasileira para manter uma conversação corrente. O principal impecilho para êles se aperfeiçoarem está na mania dos seus vizinhos neobrasileiros de nunca falarem com êles em brasileiro claro e correto, mas sim naquela língua ridìculamente mutilada e mal pronunciada, própria dos índios quando querem fazer uso da língua brasileira sem sabê-la. Com esta fala corrupta misturam ainda sem necessidade alguma uns tantos substantivos ou mesmo adjetivos da própria língua Machacarí, justamente aquêles que os índios sabem muito bem em brasileiro também. Os que falam "corretamente" desta maneira têm-se em conta de "línguas" e indispensáveis para qualquer pessoa que venha de fora e

que queira tratar com os Machacarí, oferecendo-se logo para ajeitar os "bichos" para o visitante.

O fato de eu rejeitar todos os "línguas" e entendidos que se ofereceram e de ir sòzinho em procura da aldeia dos Machacarí que eu nunca dantes tinha visto causou verdadeiro espanto entre os moradores de Umburanas, que no fundo têm todos um instintivo pavor do índio, achando indispensável que se adule e bajule o índio quando se queira ir à aldeia.

O idioma dos Machacarí é muito parecido com as línguas do Macuní, Copoxô, Cumanaxô, Panhame e Monoxô, hoje todos extintos, e mostra também alguma semelhança com o Pataxô e o Malalí, êste último também hoje língua morta. Martius reuniu essas tribos e mais algumas outras no grupo lingüístico dos "Goytacás", admitindo algum parentesco com o grupo Jê. Steinen reduziu o grupo Goytacá aos Machacarí, Macuní, Capaxô, Cumunaxô e Panhame e, sob reserva, os Pataxô, e fêz dêle uma subdivisão do grupo Jê. Ehrenreich, Rivet e o P. Schmidt conservaram esta classificação. Sòmente em 1931 o tcheco C. Loukotka, examinando outra vez detidamente os escassos vocabulários existentes, chegou à conclusão de que essas línguas, inclusive o Malalí, mas exclusive o Pataxô, foram uma família lingüística completamente independente da família Jê, e acho que teve nisto razão. Também a cultura dessas tribos, tanto a material como a espiritual, os distanciava grandemente dos Jê.

Aproveito a oportunidade para reiterar-vos os meus protestos de estima e gratidão.

Curt Nimuendajú





AVISO



Secretaria de
Estado de Cultura

